

que Machado colaborara tanto. Os acontecimentos ecoariam por todo o país; jornais seriam fechados nos Estados. No Rio Grande do Sul, isso acontecera com *A Atualidade*, deixando sem emprego Antônio da Costa Correia Leite Filho, conhecido como Mário de Artagão, que redigira, com Carlos de Laet, a *Tribuna Liberal*, no Rio, e trabalhara em outros jornais, em seus pagos, como o *Rio Grande do Sul*, a *Gazeta Mercantil*, o *Eco do Sul*.

No Rio, Olavo Bilac, que deixara a *Cidade do Rio*, voltando à *Gazeta de Notícias*, escondera-se em Minas, desde os primeiros dias de novembro. Lá já estavam muitos outros, inclusive Emílio Rouéde, secretário da *Cidade do Rio*. A *Gazeta de Notícias* teve a circulação suspensa alguns dias. Floriano domina a revolta e a corrente que o apóia inicia a sua glorificação: ídolo popular, dos primeiros que o país conheceu, e quando o povo era composto principalmente pela classe média, sua única parcela dotada de um mínimo de consciência política e de possibilidade de participação, aparece como gravíssima ameaça ao latifúndio. A manobra militar contra ele fracassara; seguir-se-ia a manobra política, com a eleição de Prudente de Moraes para a presidência da República. A ala exaltada do florianismo, que existiu até depois de sua morte, desejava resistir pela força, rompendo a Constituição. Floriano abandonou o poder na data marcada, mas não compareceu à posse do novo presidente: lavava as mãos. Ia começar a República das oligarquias: Prudente preparou-a, Campos Sales dar-lhe-ia estrutura definitiva.

A exaltação da política da época está integralmente retratada na imprensa. Até em livros, sem falar naqueles que os monarquistas exilados escreveram lá fora, criticando acerbamente o novo regime e suas figuras mais destacadas. Pena mordaz, virulenta às vezes, Eduardo Prado não se satisfaz em fundar jornal de oposição feroz à República, — a 4 de dezembro de 1893, aparecia em S. Paulo o seu livro *A Ilusão Americana*, com êxito singular. No dia seguinte, a tipografia que o imprimira foi cercada e a edição apreendida, avisadas as livrarias que não o vendessem. A *Platéia*, jornal de oposição, fundado a 1º de julho de 1888 por Horácio de Carvalho, e depois dirigido por Araújo Guerra, noticiava, a 6 de dezembro que “o nosso colega Gomes Cardim, por ir lendo num bonde a obra proibida, foi levado à polícia. O mesmo aconteceu com um cavalheiro, de cujas mãos, na Paulicéia, foi arrancado um exemplar por um polícia secreta”. Em entrevista a esse jornal, Eduardo Prado, em sua forma ferina, contou o episódio da apreensão: “Compareceram à porta da oficina um delegado de polícia acompanhado de um burro que puxava uma carroça. O delegado entrou pela oficina e mandou ajuntar todos os exemplares do livro, man-